





Edição de
Abril de 2018

DESTAQUE DA INDÚSTRIA



VISÃO GERAL DA ECONOMIA

 Destques Positivos	Destques Negativos 
<ul style="list-style-type: none"> • Recuperação da indústria • Melhora gradual no mercado de trabalho • Ganho de massa salarial real • Inflação bem-comportada • Setor externo benigno e alta das exportações 	<ul style="list-style-type: none"> • Ritmo menor de recuperação da indústria • Taxa de desemprego ainda elevada e aumento da informalidade • Incerteza quanto ao quadro eleitoral e à Reforma da Previdência

A economia brasileira e a Indústria de Transformação devem manter este ano a trajetória de recuperação iniciada em 2017. Um cenário externo favorável, uma menor taxa de juros e inflação comportada, que estimulam o consumo das famílias, além da melhora do mercado de trabalho são fatores que continuam tendo impacto positivo sobre a economia este ano. O crescimento, no entanto, será moderado, já que a incerteza quanto ao cenário eleitoral e ao andamento das reformas, como a da previdência também têm impacto sobre o desempenho da economia em 2018. Outro fator que contribui para o crescimento mais lento da economia são os elevados *spreads* bancários, limitando o efeito da taxa Selic na mínima histórica.

Embora ainda alta, a taxa de desemprego vem exibindo redução. O setor formal vem apresentando recuperação nos primeiros meses de 2018, mas a ocupação informal dos trabalhadores também vem aumentando. A gradual recuperação do mercado de trabalho associada ao processo de desinflação, está favorecendo o rendimento médio real das famílias.

A alta demanda externa está influenciando diretamente as exportações, que cresceram 7,8% no 1º trimestre em relação ao mesmo período de 2017. Na indústria de transformação, as exportações também cresceram (14%) .

A recuperação da produção industrial continua, embora a um menor ritmo. A produção da Indústria de Transformação caiu 0,1% em fevereiro, segundo mês consecutivo de queda (em janeiro caiu 2,5%), após apresentar forte crescimento em dezembro (3,7%). Para o 1º trimestre esperamos crescimento de 0,4% frente ao último trimestre de 2017 quando o setor exibiu alta de 2,0%.

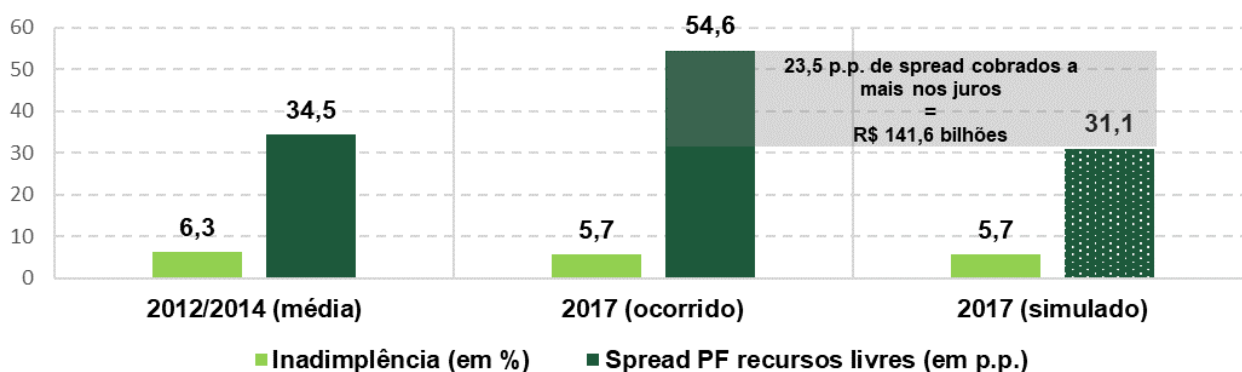
Nos setores de comércio e serviços, a retomada do nível atividade também continua, mas num ritmo mais moderado. Diante do fraco desempenho da atividade nos últimos meses, ganha força a visão que um crescimento acima de 3,0% em 2018 é muito improvável. No entanto, o ritmo lento da recuperação da atividade econômica corrobora nossa visão de uma retomada lenta e gradual da economia brasileira em 2018, com o PIB crescendo 2,8%. Mesmo com o crescimento do PIB este ano, este atingirá o nível observado em 2012, retrocedendo 6 anos, dada a intensidade da recessão ocorrida entre 2014 e 2016.

Spread no Brasil é 14,5 vezes maior que spread médio de países comparáveis

Estudo da FIESP¹ mostra que o spread bancário (a diferença entre as taxas de captação e a cobrada nos juros dos financiamentos pelos bancos) do Brasil é o mais alto do mundo, e está acima, por exemplo, do spread médio de países que calculam o spread igual ao Brasil. A taxa Selic e a inadimplência recuaram nos últimos anos, na contramão do que aconteceu com os spreads.

O spread médio do Brasil com recursos livres e direcionados para PF e PJ foi de 21,5% a.a. em 2017, 14,5 vezes maior do que o spread médio dos países comparáveis, de 1,5% ao ano. A inadimplência brasileira não é justificativa para o spread elevado: em 2016, foi a 66ª do mundo, considerando todo o crédito livre e direcionado para Pessoas Físicas e Jurídicas. A Itália tem inadimplência 4,4 vezes maior do que a do Brasil, e seu spread é 19,7 vezes menor que o brasileiro.

Se o spread de 2017 fosse compatível com o do período 2012-14 e ajustado pela inadimplência atual, ele seria de 31,1% a.a. ao invés dos 54,6% a.a. ocorrido. Logo, foram cobrados 23,5 pontos percentuais de spread a mais nos juros dos empréstimos e financiamentos de pessoas físicas com recursos livres, o que equivale a R\$ 141,6 bilhões a mais gastos com juros em 2017.



Fonte: BCB. Elaboração e simulação: FIESP

Se as pessoas tivessem pago esse valor a menos de juros em 2017, a taxa de comprometimento da renda das famílias com o pagamento de juros cairia de 10,1% para 6,7% da renda. Ou seja, os altos spreads praticados no Brasil encarecem as operações para o tomador final, retardando a retomada do crescimento econômico.

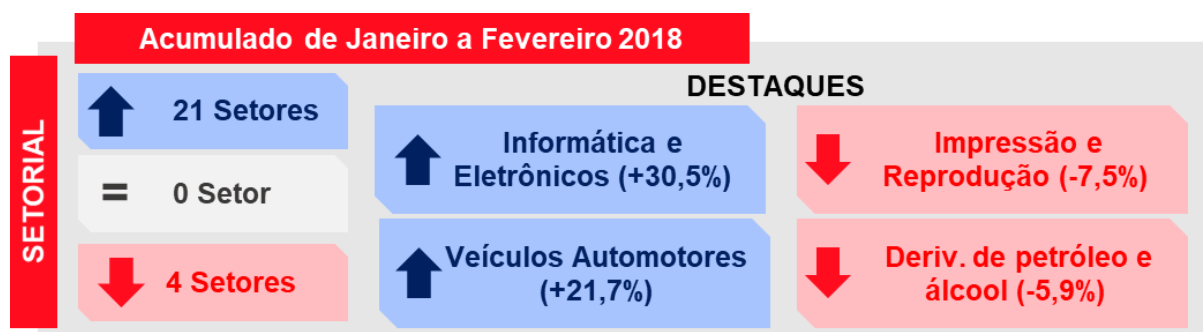
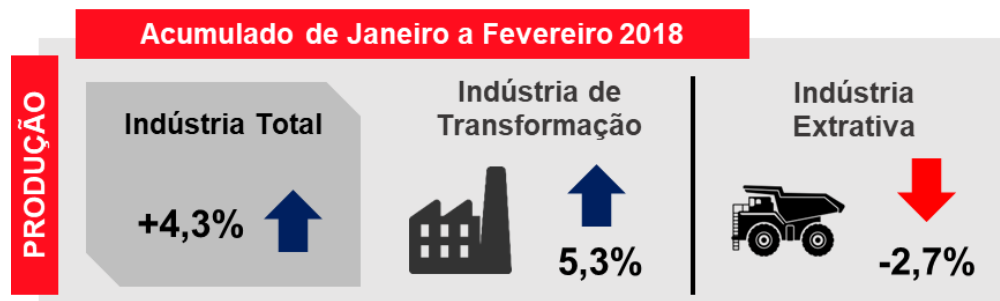
Considerando o prazo médio dos empréstimos e financiamentos em 2017 e não considerando renegociações dos empréstimos e financiamentos, além do gasto adicional de juros com as parcelas pagas em 2017, as pessoas físicas pagarão R\$ 899 bilhões a mais de juros com as parcelas de 2018 a 2022.

¹ Publicado em 25 de abril no jornal Valor Econômico. Estudo completo está disponível no site da FIESP: <http://apps.fiesp.net/fiesp/newsletter/2018/decomtec/spread-brasileiro-26-04-18/Analise-Juros.pdf>

Produção Industrial Brasileira cresce ligeiramente em fevereiro



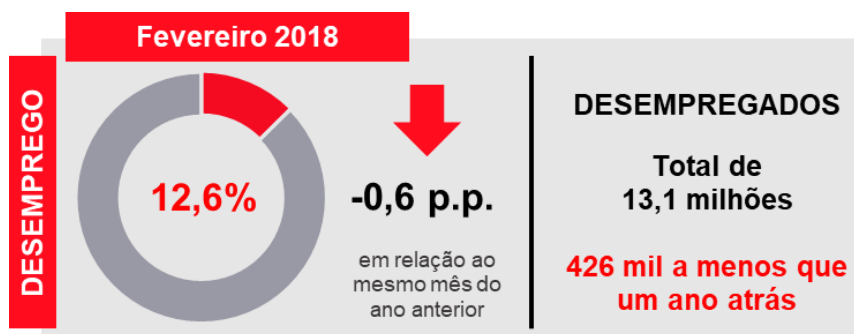
Em fevereiro, a produção industrial voltou a subir após forte queda em janeiro (-2,2%). No acumulado do ano de 2018, a indústria mantém crescimento em relação ao mesmo período do ano passado. Maioria dos setores industriais está apresentando crescimento no acumulado deste ano.



Fonte: PIM-PF/IBGE

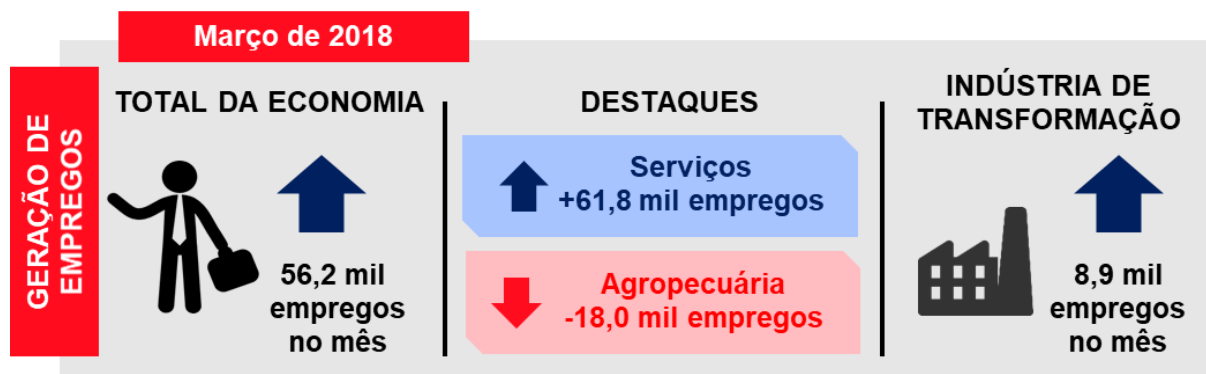
Taxa de Desemprego

A taxa desemprego ficou em 12,6% em fevereiro de 2018 e nossa expectativa é de que termine o ano em 11,5%.

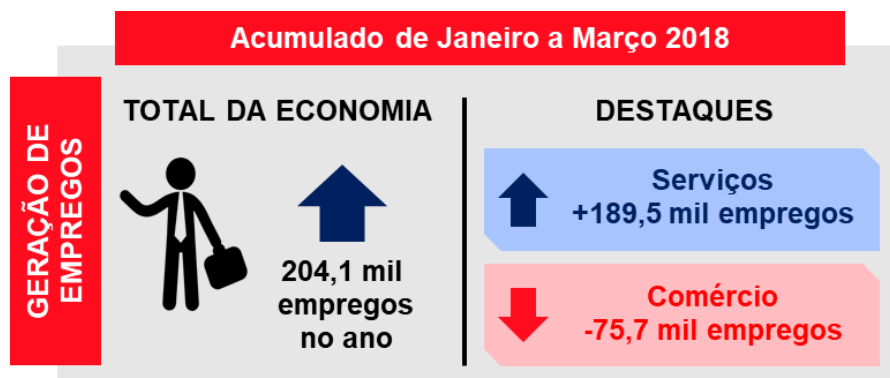


Fonte: PNAD Contínua / IBGE

Geração de Empregos Formais



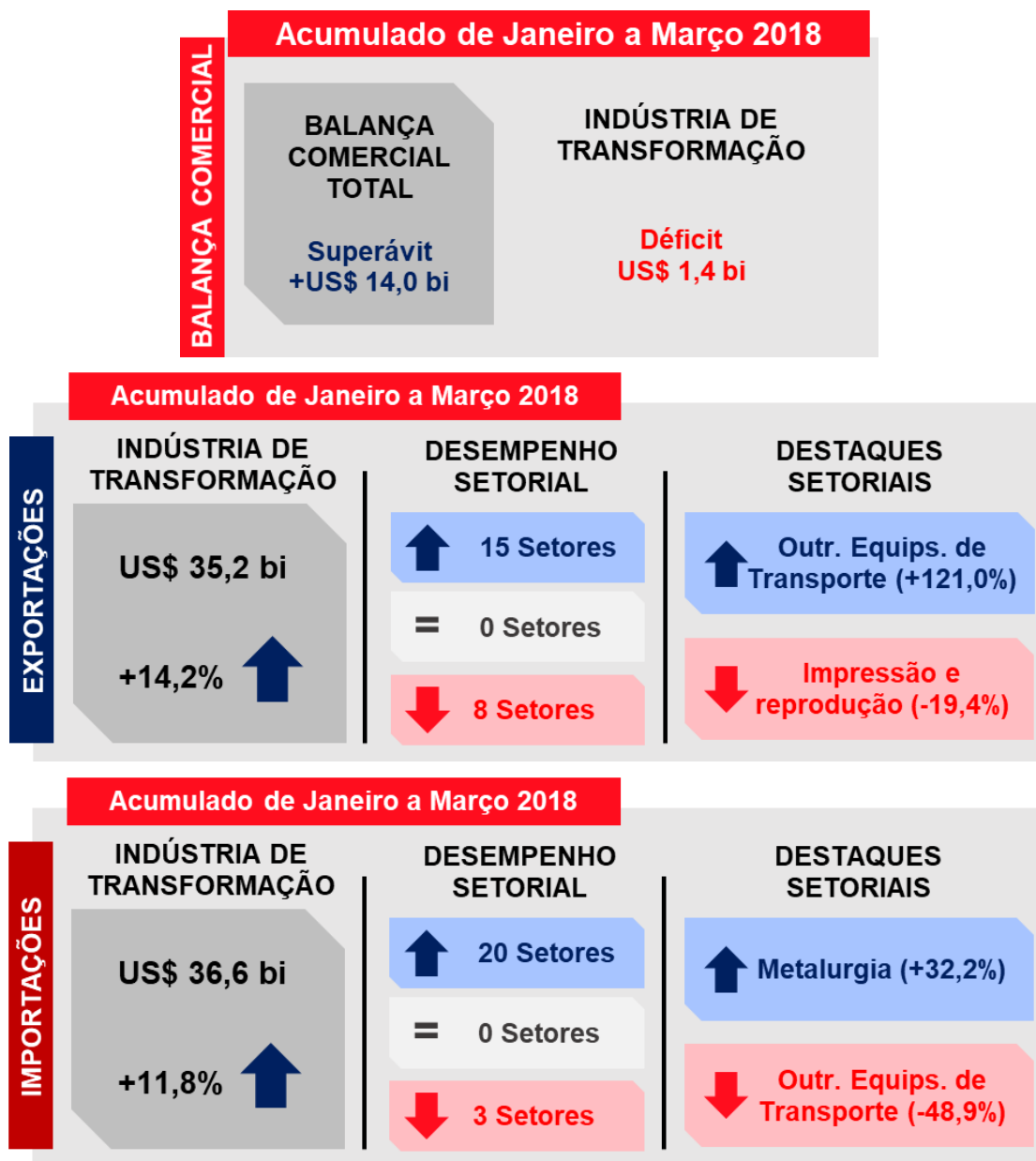
Em março, a recuperação da geração de empregos no setor formal da economia se manteve, apresentando o melhor resultado para meses de março desde 2013 (+183,0 mil novos empregos). No acumulado de 2018, o resultado também foi melhor do que o mesmo período de 2015 a 2017.



Fonte: Ministério do Trabalho

Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação

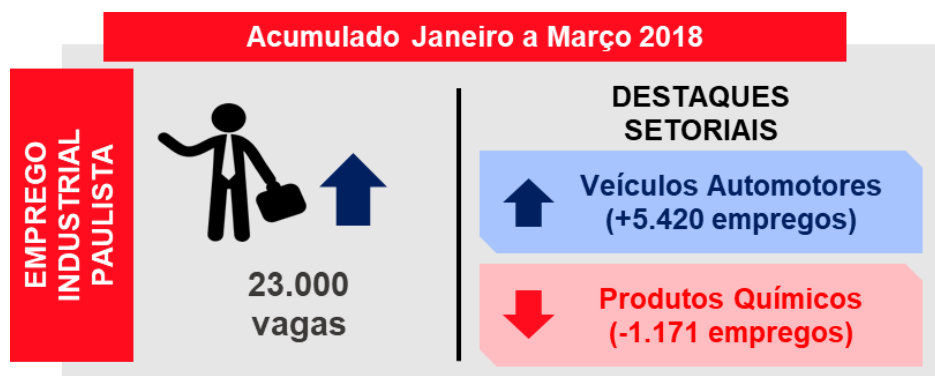
No acumulado de janeiro a março, superávit da balança comercial brasileira. Considerando apenas os produtos da indústria de transformação, contudo, a balança comercial é deficitária, apesar do aumento das exportações maior que das importações.



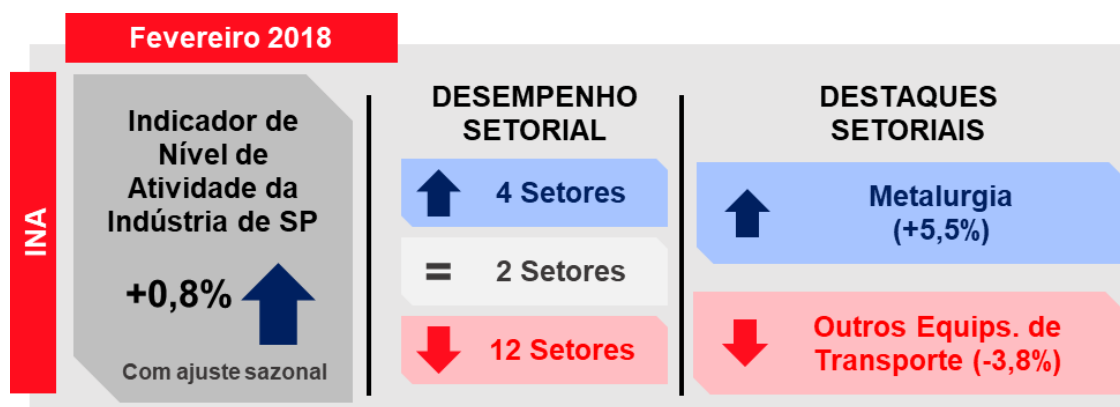
Fonte: FUNCEX e MDIC

Indicadores Fiesp/Ciesp

Em março, o Indicador Fiesp/Ciesp do Nível de Emprego Industrial² registrou geração de 10.000 vagas na Indústria Paulista. Com este resultado, o saldo acumulado do ano ficou em 23.000 vagas, bem acima das 12.500 vagas criadas no mesmo período de 2017.



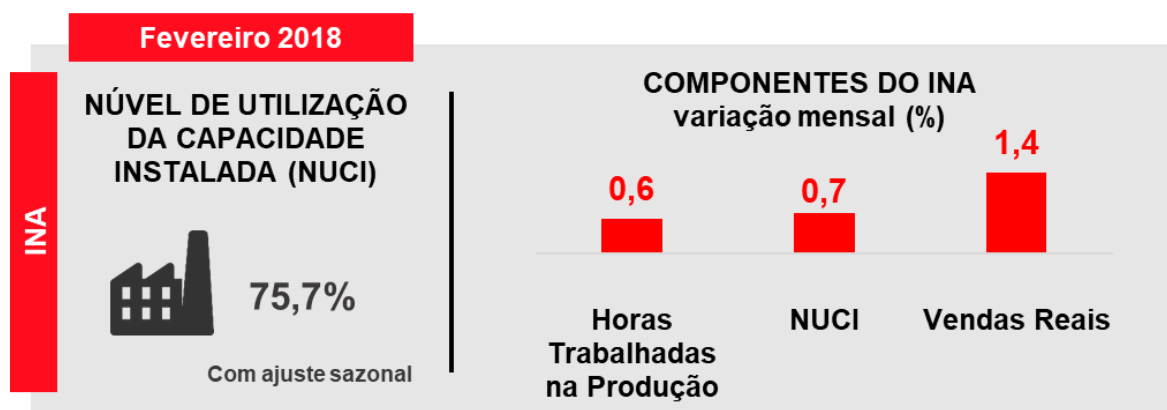
O Indicador Fiesp/Ciesp do Nível de Atividade (INA) da indústria paulista registrou alta de 0,8% em fevereiro³, descontada a sazonalidade.



² Você pode acompanhar a publicação completa no site da FIESP, clicando no link a seguir: [Nível de Emprego Industrial](#)

³ Você pode acompanhar a publicação completa no site da FIESP, clicando no link a seguir: [INA/Levantamento de Conjuntura](#)

O INA no mês foi influenciado pela alta das Horas Trabalhadas na Produção em 0,6%, do Nível Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) em 0,7% e do Total de Vendas Reais em 1,4%.



De janeiro a fevereiro, o Nível de Atividade na Indústria Paulista acumulou uma alta de 6,5%.



O **indicador Sensor Fiesp/Ciesp⁴** do mês de março fechou em 52,2 pontos, na série livre de influências sazonais, resultado 0,2 ponto acima ao índice de fevereiro. Ao ficar acima da linha dos 50 pontos, denota que a atividade industrial deve expandir em março.



Fonte: FIESP/CIESP

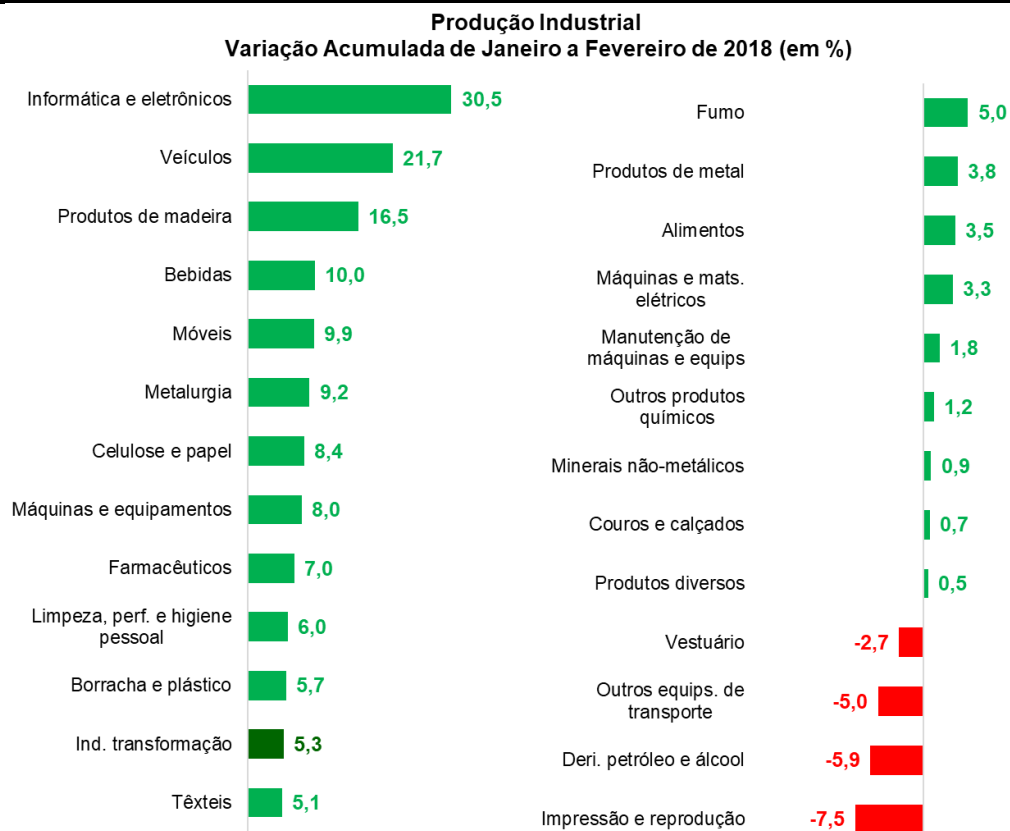
⁴ O objetivo do indicador é ter informação do andamento da atividade da indústria de transformação durante o mês corrente da coleta de dados, eliminando as defasagens de tempo das tradicionais pesquisas de conjuntura. Você pode acompanhar a publicação completa no site da FIESP, clicando no link a seguir: [SENSOR-FIESP](http://www.fiesp.org.br/sensor-fiesp)

Dados da Economia Brasileira

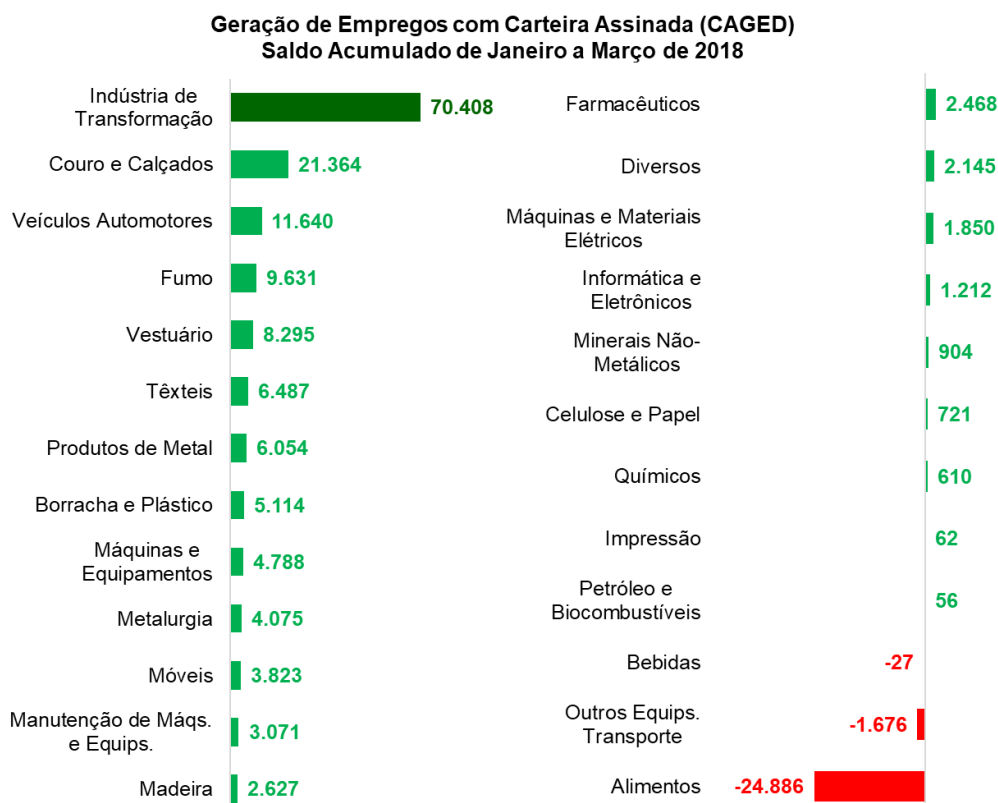
INDICADORES		Efetivo						Projeções	
		2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Crescimento do PIB (%)		4.0	1.9	3.0	0.5	-3.5	-3.5	1.0	2.8
Ótica da Oferta	PIB Indústria (%)	4.1	-0.7	2.2	-1.5	-5.8	-4.0	0.0	2.6
	<i>Extrativa Mineral (%)</i>	3.5	-1.9	-3.2	9.1	5.7	-2.7	4.3	2.7
	<i>Transformação (%)</i>	2.2	-2.4	3.0	-4.7	-8.5	-5.6	1.7	3.1
	<i>Construção Civil (%)</i>	8.2	3.2	4.5	-2.1	-9.0	-5.6	-5.0	1.8
	<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP) (%)</i>	5.6	0.7	1.6	-1.9	-0.4	7.1	0.9	2.1
	PIB Agropecuária (%)	5.6	-3.1	8.4	2.8	3.3	-4.3	13.0	2.5
Ótica da Demanda	PIB Serviços (%)	3.5	2.9	2.8	1.0	-2.7	-2.6	0.3	2.5
	Consumo das Famílias (%)	4.8	3.5	3.5	2.3	-3.2	-4.3	1.0	2.7
	Consumo do Governo (%)	2.2	2.3	1.5	0.8	-1.4	-0.1	-0.6	0.0
	Formação Bruta de Capital Fixo (%)	6.8	0.8	5.8	-4.2	-13.9	-10.3	-1.8	3.2
	Exportações de Bens e Serviços (%)	4.8	0.3	2.4	-1.1	6.8	1.9	5.2	3.5
	Importações de Bens e Serviços (%)	9.4	0.7	7.2	-1.9	-14.2	-10.2	5.0	5.1
Setor Externo	Exportações (US\$ bilhões)	256.0	242.6	242.2	225.1	191.1	185.2	217.7	229.8
	Importações (US\$ bilhões)	226.2	223.1	239.6	229.0	171.5	137.6	150.7	168.6
	Saldo da Balança Comercial (US\$ bilhões)	29.8	19.5	2.6	-3.9	19.6	47.7	67.0	61.2
PIM - IBGE/Produção Física Brasil (%)		0.4	-2.3	2.1	-3.0	-8.2	-6.4	2.5	3.7
INA - FIESP (%)		0.7	-4.1	1.8	-6.0	-6.2	-8.9	3.5	3.5
Emprego Industrial São Paulo - FIESP (%)		-0.1	-2.0	-1.4	-4.9	-9.3	-6.6	-1.6	1.0

Fonte: IBGE, Fiesp, e Secex/MDIC

ANEXO – RESULTADOS SETORIAIS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO



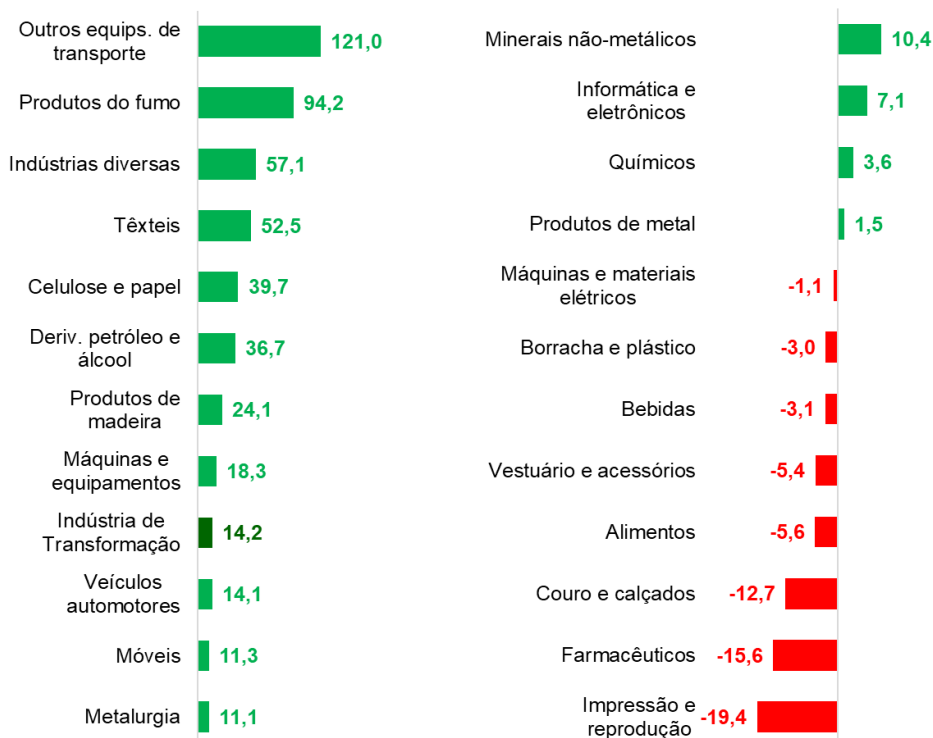
Fonte: PIM-PF/IBGE



Fonte: Ministério do Trabalho

Exportações

Variação % Acumulada de Janeiro a Março de 2018



Fonte: FUNCEX

Importações

Variação % Acumulada de Janeiro a Março de 2018



Fonte: FUNCEX